



Horse

ball

Barac Bielke

Cavaleiros

Tecnológicos

Barac Bielke

Registo nº346/2020SIIGAC/2020/840DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your **Heart**© with **Jupiter Editions**®

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

Siga o autor...

@baracbielke

(...)

“Esta praia é nossa, o que é que estás aqui a fazer?”

“Vim apanhar uns banhos de sol... Também tenho direito ou não...?” respondi.

(...)

“Pareces um poeta a falar. Diz-me que romance é que andas a ler que eu também quero. Sou o Zé Maria e ele é o Xavier.”

“Adoro o nome Xavier. Sou o Arthur. (...)”

“E o meu nome não adoras “Artur”?”

“Também gosto imenso de Zé Maria... Tens que pôr um “h” entre o “t” e “u” para fazeres o som de “Arthur” e não de “Artur”. O meu nome não é “Artur”. É Arthur.”

“Ah! Gostas imenso do Zé Maria e adoras o Xavier... És panilas “Arrthúrr?””

“Dou assim tanta cana?”

“Népia... Mas vê-se logo que és *panila*...”

“Tenho ar de *panila*?”

“Népia... Mas nós sabemos... Conseguimos ver! (...)”

(...)

“E queres namorar com *agente*? Tem é que ser com os dois, que nós gostamos de partilhar tudo...”

“Oh... Já tenho namorado...”

“Ficas com mais dois...”

“Eu só tenho olhos para o meu namorado...”

“Então e onde é que está o teu namorado?”

“Está nos treinos de horseball, vai ter jogo no domingo.”

“Nós também somos cavaleiros... Temos cavalos... Tens que vir montar *com agente* um dia... Tu devias era montar nos nossos cavalos *com agente*... Nós

também somos cavaleiros tecnológicos... Só não jogamos é horseball... Como é que eles agora jogam horseball?! Não é com aqueles óculos de realidade virtual aumentada para apanharem a bola, senão não conseguem apanhar a bola e lançá-la?”

“Sim...”

“E eles para lançarem não têm que fazer o movimento do lançamento da bola invisível com o telefone na mão?”

“Sim...”

“Pois... Eu e o meu primo já vimos os treinos. Nós os dois somos primos. Nós também queríamos entrar no horseball, mas agora para jogarmos horseball, temos de comprar os óculos de realidade virtual aumentada e (...) nós não temos dinheiro para comprar esses óculos, (...)... E como é que chama aquele movimento bué fixe em que tens que apanhar a bola invisível do chão sem te desmontares do cavalo e com o cavalo em movimento?”

“*Ramassage*... Até o *ramassage* ficou tecnológico... Eu que pensava impossível a tecnologia chegar ao horseball justamente por causa do *ramassage*... Mas a tecnologia até o *ramassage* conseguiu capturar... Se

tivéssemos todos lido *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, não se faziam *ramassages* com o telefone nem se jogava horseball com óculos de realidade virtual aumentada... Eu também não tenho esses óculos de realidade virtual aumentada...”

“O quê?? Não tens dinheiro para os comprar? Porque é que não pedes ao teu namorado? (...) Se eu fosse teu namorado e fosse rico como ele, comprava-te.”

“Tenho dinheiro. Mas não acho piada a esses óculos. Nem nunca os experimentei.”

“Então, como é que assistes aos jogos e aos treinos do teu namorado sem os óculos de realidade virtual aumentada???? Ai... Estás a mentir...”

“Fico simplesmente a assistir ao meu namorado a jogar ou a treinar sem os óculos de realidade virtual aumentada. Sou o único na bancada sem os óculos.”

“Então, mas assim não vês a bola. Assim não acompanhes o jogo que o teu namorado está a fazer...”

“Não preciso. Eu gosto dele. Gosto só de o ver a montar a cavalo e vestido como cavaleiro.”

“Isso deve ser uma seca. Ficar a olhar o tempo todo para o jogo sem ver o jogo...”

“Por isso, é que vim para a praia. Ele depois no final do treino vem aí buscar-me.”

“Mas disseste-lhe que vinhas para aqui?”

“Não. Simplesmente saí do jogo.”

“Então como é que vem aqui buscar-te, se não lhe disseste onde estás?”

“Porque, se calhar, instalou-lhe o GPS no corpo, Zé Maria. Os cavaleiros tecnológicos fazem isso para saberem onde estão os namorados e as namoradas.”
interveio Xavier.

“Namoradas? Achava que eles eram todos panilas...” zoou o Zé Maria.

“Não. Muitos têm namoradas.” disse eu.

“Muitos têm namoradas, mas são na mesma panilas...” continuou o Zé Maria o zombo, “Mas então, tens instalado no corpo alguma nanotecnologia?”

“Que eu saiba não...”

“Ah! Que tu saibas... O teu namorado já te deve ter instalado alguma nanotecnologia. Os cavaleiros tecnológicos são tão tecnológicos que até têm nanotecnologia...”

“Já sei... O que vais dizer... Que os cavaleiros tecnológicos são tão tecnológicos que até têm nanotecnologia no sémen.” interrompi Zé Maria receando que ele dissesse “na esporra deles”.

“Ah! Pois... É assim que eles sabem onde tu andas sempre. Quando te esporram ficam conectados a ti. É assim que eles te instalam o GPS. Os cavaleiros tecnológicos são tão tecnológicos que a saliva está cheia de nanorobots. Por isso é que te beijam, para ficarem conectados a ti.”

“O meu namorado está fora dessas tecnologias. Não tem nanotecnologia nenhuma, nem no sémen, nem na saliva.”

“Como é que tu sabes?”

“Porque nasci com um microscópio e já examinei a saliva e o sémen dele. O meu corpo deteta logo qualquer tecnologia que tente penetrar no meu corpo.”

“Então se não tens GPS, como é que o teu namorado vai saber que estás aqui para te vir buscar?”

“Nós temos telefones. Quando ele sair do jogo há de me telefonar, quando ele quiser.”

“E se ele não telefonar?”

“Se ele não telefonar fico mais tempo aqui na praia, apanho mais sol.”

(...)

“Nós também somos cavaleiros tecnológicos... Mas somos cavaleiros tecnológicos sem usarmos telefone... O teu namorado é daqueles cavaleiros que monta com o telefone, mesmo que não esteja a jogar? Que está sempre a montar com o telefone?”

“Sim... Infelizmente é desses...”

“Esses cavaleiros que montam a cavalo com os telefones, até fodem com os telefones... Não é?”

“É...”

“E o teu namorado deixa-te vires sozinho para a praia?”

“Deixa, claro!”

“Isto está cheio de predadores... Se fosses meu namorado, não vinhas para aqui sem mim... Nem andavas na rua sem mim... Ainda por cima, és todo gatão, todo bonitão...”

“Que querido, Zé Maria! Vocês os dois, tenho que dizer, que são lindos de morrer... Se eu não tivesse namorado...”

“Nós não somos ciumentos... Podes namorar connosco às escondidas, se quiseres...”

“Vou pensar nessa proposta...”

“Mas olha que eu estou a falar a sério! Juro-te que se fosses meu namorado não saias à rua sem mim! E se saíesses mamavas, *caralho!*”

“Ele está a falar a sério...”

“Acredito Xavier...”

“Nessas *merdas* sou fodido! Se tens pila em casa, não precisas de sair de casa!”

“Mas em casa não tenho uma praia como esta...”
respondi.

“Tens cara que deves foder bué...”

Não respondi ao Zé Maria.

“Estás sempre a *foder* com o teu namorado?”
insistiu Zé Maria.

“Nós não *fodemos*... Fazemos amor...”

Instalou-se uma risada... Eles riram-se, mesmo com gosto... Qualquer medo que tinha, tinha ali desaparecido! Foi como se, de repente, tivesse automaticamente pertencido desde sempre à comunidade deles.

“Ai (...)... Eles fazem amor... E também fazem bebés?”

“Não! Essa é a nossa sorte, Zé Maria...”

“Pois... Não engravidam, não é? Vocês usam preservativo?”

“Sempre.”

Menti, não usava preservativo com nenhum namorado meu. Quis mentir, porque queria passar a mensagem na importância do uso do preservativo como meio contraceptivo e barreira de doenças sexualmente transmissíveis.

“Ah! Eu gosto é de *foder* ao natural... Não curto *foder* com borracha... Com borracha não dá pica nenhuma... Assim, com preservativo vocês nem sentem a esporra um do outro a entrar... Afinal, vocês curtem esporra ou borracha? E quando chupam um ao outro também é com borracha? Chupam a borracha? Isso deve ser o mesmo que estar a comer um gelado com o plástico... Não deve saber a nada... Mas isto digo eu que não sou panilas... Vocês é que são, vocês é que sabem como gostam mais de o fazer... Não me quero meter nisso...”

Riam-se, mas era estranho porque eu sentia a inocência na voz daquilo. Se fossem outros rapazes a dizerem aquilo eu não consentiria. Mas como eram eles a dizerem aquilo, naquela genuinidade das coisas, não soava mal. Parece que não soava mal. Não me souou mal, aquilo dito por eles. Sabia que era sem maldade. E era

estranho estar a falar disto, com toda esta inocência. Porque eles eram inocentes. Não tinham maldade nenhuma. Não traziam maldade nenhuma. E eram lindos de morrer. Tinham o tom de pele moreno. (...) O Xavier tinha os olhos verde-garrafa com o cabelo aos caracóis com madeixas loiras. O Zé Maria tinha cabelo preto liso, lisérrimo, penteado para trás com gel e uns olhos azuis-do-mar gigantes. Pareciam modelos saídos de uma revista. E tinham os pés lindíssimos. Os pés deles convidavam-me a descansar sobre eles. E por isso, eu estava com eles perfeitamente descansado. Sentia-me seguro. Sentia-me em paz. Só queria repetir aquele momento 10 mil vezes na minha cabeça.

“E quem é que leva no rabo? És tu ou o teu namorado?” perguntou o Zé Maria.

“Eu não sou...” respondi com um tom cómico-atrevido.

Eles fartaram-se de rir.

“Ah! Então é o teu namorado é que é panilas... Tu não és... Quem leva no rabo é que é panilas...” disse o Zé Maria.

“Ah, boa! Afinal, não sou panilas...”

Sentaram-se cada um ao meu lado. O Zé Maria sacou logo a pila dele para fora e começou a abanar...

“Mostra aí a tua! Tira-a para fora, se és homem como nós...” ordenou-me Zé Maria.

Tirei. Sentia-me com 14 anos. E sentia-me bem ali com eles.

“Qual é que é maior? É a minha ou a do teu namorado?”

“É a tua.” disse-o a rir.

Menti-lhe. Não quis dizer que o pila do meu namorado era maior que a dele.

O Zé Maria (...) mandou-me duas chapadonas na minha pila (...). Na segunda chapadona encolhi-me.

“Au!” queixei-me eu.

“Olha aí! *Aleijei-te?*”

“Sim, magoaste-me, Zé!...”

“Oh!... Desculpa se te magoei o coração...”

“Não tem piada!”

“Tem sim! Estás-te a rir...”

“Não, não estou.”

“Estás a fazer força para não te desatares a rir... Estou a ver-te quase a desatares a rir...”

Desatei-me a rir. E eles desataram-se a rir.

E o Zé Maria deu-me um beijinho muito rápido na testa.

“Não, o coração não me magoaste... Magoaste-me, mesmo, foi na pilinha!”

E eles riam-se. O Zé Maria levantou-se, deu-me a mão em punho e fez-me subir. Abraçou-se a mim e disse-me que tinha que se ir embora.

“Como é que vocês sabem que têm que se ir embora, se não trazem relógios nos pulsos?” perguntei.

“Olhamos para o sol.” respondeu-me Xavier com um sorriso lindíssimo em que pude reparar que tinha os dentes branquinhos e direitinhos, conseguindo imaginar o hálito dele que me apaixonava e fazia bater-me o coração; “Agora é a minha vez. Mas eu não te vou *aleijar* como ele!”

“Vocês dizem aleijar, eu digo magoar. Para mim, aleijar é uma impossibilidade física. Uma perna partida ou uma perna que não mexe é uma perna aleijada. É um aleijado, coitado! Magoar, estar magoado, é uma dor temporária.”

“Eu não te parti a pila, por isso não te aleijei a pila. Magoei-te foi a pilinha... Era assim que querias ouvir?”

“Era.” ri-me.

“Só os betos é que fazem essa distinção de aleijar e magoar... Sabias que és beto?”

“Não sabia...”

“Vá! Está calado Zé Maria! Agora é a minha vez, Arthur... Eu não te vou magoar como ele... Sou muito mais meiguinho que ele...”

“Tu, meiguinho? Tu *fodes* como um animal! Esse gajo é um animal a *foder*, Arthur... Não acredites no ar de inocente dele... Rebenta bocas, rebenta caras, rebenta *cús* e *esporra* tudo! É pior que eu, palavra de honra, Arthur! Este gajo está sempre a esporrar-se!”

“Ao menos, a minha esporra é doce! Não é *merda* como a tua!”

“É *merda*, o *caralho*! É mais doce que o teu *cú*!”

“Oh, então... O meu *cú* não é doce, o meu *cú* sabe a *merda*, porque sai *merda* pelo meu *cú*! Mas a minha

esporra sabe a doce!... E quem me disse isso foi a tua namorada...”

“E a minha esporra também sabe a doce, que a minha namorada também me disse!”

E eu queria participar também naquilo. Quis participar e participei.

“E a minha também é doce, olha!”

“Ai é? Então, deixa cá provar.” brincou o Zé Maria, pondo-se de joelhos à minha frente.

“Primeiro, provo eu! Sai sacana, vai para a fila que é atrás de mim!” arrancou o Xavier da minha frente, empurrando-o para o lado num bonito compasso cinematográfico.

“Não vejo fila nenhuma... Não tenho óculos de realidade virtual aumentada para ver a fila...” gozou Zé Maria.

E eles riam-se, riam-se, riam-se.

E eu riam-me com eles.

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 16 de setembro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passa a Missão Jupiter Editions!

Uma ~~M~~issão de Paz! Uma Escrita pela Paz!



**JUPITER
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

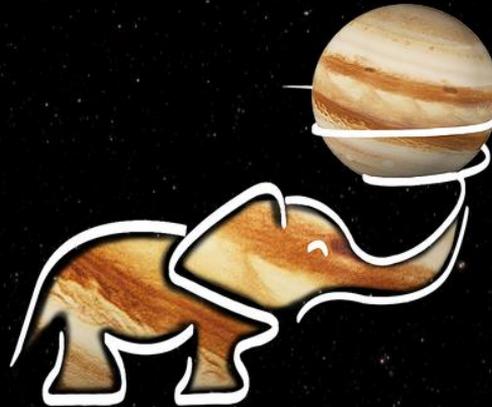
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

JUPITEREDITIONS.COM



JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)